

KARL MARX

Almir de Oliveira

No dia 14 de março, no mundo todo, comemorou-se a passagem do centenário de falecimento de Karl Marx. E, nas partes do mundo, onde suas idéias políticas e econômicas foram postas em prática, a efeméride ganhou um aspecto festivo explicável. Na outra parte, entretanto, o centenário foi motivo de amplas manifestações em todos os meios de comunicações. Escreveu-se mais fartamente sobre ele e sua obra, alvos constantes de amplo debate universal, cada dia mais acentuado.

Essas atenções justificam-se pelo fato de Karl Marx ter-se inserido na história do pensamento humano como o portador de uma vigorosa contribuição ao estudo do homem e da sociedade. Uma contribuição contundente e polêmica, preñe de sugestões e, mais do que sugestões, de proposições concretas para a reforma radical das supra-estruturas da sociedade humana.

Discípulo de Hegel, voltou-se contra o idealismo deste para sustentar o real contra o ideal e aplicar a dialética hegeliana no exame da evolução social, partindo, porém, da realidade concreta. Ainda de Hegel, tomou a idéia de alienação para o exame das condições do homem trabalhador no processo de produção capitalista. Partindo de Feuerbach, insurgiu-se contra o contemplativismo deste para afirmar a necessidade de transformar o mundo, em vez de apenas interpretá-lo. Recusou-se a uma concepção metafísica e definitiva do ser humano para adotar a concepção de um homem histórico e concreto, que se faz a si mesmo pelo trabalho: para Marx, o homem criou-se a si próprio como tal, no sentido mais amplo, por meio do trabalho.

A partir daí, Marx tornou-se o cabeça de um amplo movimento filosófico e político, ao mesmo tempo pensamento e ação prática. Como Friederich Engels, seu amigo e, igualmente pensador e homem de ação, com ele afinado na mesma linha de pensamento, publicou o **Manifesto Comunista**, de 1848, que serve, ainda hoje, de ponto de apoio aos movimentos comunistas em todo o mundo e que deu fundamento à organização dos regimes socialistas marxistas hoje existentes, a partir do que se inaugurou na Rússia, em 1917.

Por suas conseqüências, tanto na ordem das cogitações filosóficas, como no das realizações práticas, o pensamento de Karl Marx entrou no plano das discussões, muitas e muitas vezes apaixonadas, em

torno do qual se radicalizam variadas posições. É um pensamento que se destina exatamente a realizar aquilo que ele propôs: transformar o mundo. E transformar significa atacar pela raiz situações consolidadas, interesses estabelecidos, conceitos consagrados.

O materialismo de Marx incompatibilizou-o com larga faixa de pensadores, situados no campo da filosofia espiritualista. Seu comunismo ergueu contra ele todos quantos estavam e estão acomodados às bezenças do capitalismo burguês. Sua convocação dos operários de todo o mundo à luta de classes, como meio de substituir a “exploração do homem pelo homem” pela “ditadura do proletariado” e, assim, elaborar uma “sociedade sem classes”, exasperou ainda mais os arraiais capitalistas. Sua hostilidade às religiões em geral, para ele o “ópio do povo”, fez erguerem-se contra suas idéias e proposições os religiosos de todas as confissões. Mas, essas suas idéias e proposições foram ganhando terreno no seio do proletariado e da pequena burguesia na Europa, pressionados pelas injustiças do capitalismo liberal, passando, aos poucos, ao resto do mundo.

A vitória de seus princípios na Rússia czarista, em 1917, deu forte alento ao marxismo em todo o mundo. Multiplicaram-se os seus adeptos. E seus adversários. Acentuou o debate. Aumentou o número de seus intérpretes. Lênine e Staline adaptaram o marxismo às condições russas. Mao Tse Tung fez o mesmo na China, entrando em conflito aberto com o marxismo soviético. Tito procedeu do mesmo modo na Iugoslávia. Enquanto isto, correndo o tempo, surgiram correntes revisionistas na França e na Itália. E veio o que Georges Haupt chamou “a crise revisionista e o surgimento dos marxismos”. O inevitável. O marxismo padece hoje do mesmo fenômeno que tem atingido todos os sistemas de idéias, quando se desenvolvem: cinde-se. Ou, se quiserem, esgalha-se, como uma árvore que cresce. Aconteceu com o liberalismo, com o fascismo, com o positivismo de Comte, com o cristianismo, com o islamismo, com o budismo. Todos eles pluralizaram-se. Interpretado de modos muitas vezes antagônicos por seus próprios adeptos, deturpado por seus adversários, o marxismo vai seguindo sua sina de sistema de idéias.

Hoje, não é possível a nenhum estudioso de filosofia, de economia, de sociologia, de política, a nenhum homem medianamente culto, ignorar Marx, suas idéias e suas propostas para transformar o mundo. Pode-se discordar de tudo, de muito ou de alguma parte do que ele nos legou. Mas, ignorá-lo é impossível, como impossível é ignorar Platão e Aristóteles, Tomás de Aquino e Lutero, Rousseau e Comte. Nem tudo nele é recusável por quem não comungue com suas doutrinas.

A ação dos “revisionistas” vem-nos mostrando “outro” Marx, diferente daquele que nos mostrou o leninismo-stalinista, na sua cruel

ortodoxia, que certamente não mereceria as bênçãos do velho profeta de Treves, tão preocupado com a felicidade terrenal do ser humano, com sua liberdade. E bem diferente, também, do Marx que nos tem sido mostrado por seus adversários mais extremados.

Para quem assenta suas idéias no terreno de uma concepção espiritualista do homem e do mundo, o marxismo, como um tudo, é inadmissível. Ainda assim, é preciso estudá-lo com honestidade intelectual para tirar dele o que tem de aceitável e saber recusar, com precisão científica, o que não se compatibiliza com um sistema espiritualista de idéias.

(Do **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 22-3-1983.)

*